

Problematizando o Núcleo da Sílabas na Libras: Movimento ou Ponto de Articulação?

Problematizing the Syllable Nucleus in Libras: Movement or Point of Articulation?

Analú Fernandes de Oliveira¹

Universidade Federal de Roraima

Paulo Jeferson Pilar Araújo²

Universidade Federal de Roraima

Resumo: Aceita-se na literatura que o parâmetro movimento (M) seja o núcleo da sílaba nas línguas de sinais. Para a Libras, o trabalho de Cunha (2011) sintetiza bem essa proposta. Por outro lado, Aguiar (2013) traz para o debate a possibilidade de o parâmetro Ponto de Articulação (PA) ser considerado o núcleo da sílaba na Libras. Partindo desses dois trabalhos, faz-se uma apreciação das propostas para o núcleo da sílaba na Libras. Levantam-se alguns questionamentos sobre a proposta de Aguiar (2013) levando-se em conta o uso enviesado da ELiS (Escrita de Línguas de Sinais). O trabalho não chega a ser uma revisão da literatura, mas busca pontuar os trabalhos mais significativos sobre a temática. Por fim, são apontadas as possíveis motivações para a escolha de um ou outro parâmetro para figurar como núcleo da sílaba na Libras. Um dos fatores encontrados como determinantes é a busca por um parâmetro nas línguas de sinais equivalentes nas línguas orais para o núcleo da sílaba. Algumas considerações são traçadas sobre a necessidade de se pensar a sílaba nas línguas de sinais para elas e por elas mesmas.

Palavras-chave: Núcleo silábico; Libras, Parâmetros.

Abstract: It is accepted in the literature that the parameter movement (M) is the nucleus of the syllable in sign languages. For Libras, the work of Cunha (2011) synthesizes this proposal well. On the other hand, Aguiar (2013) brings to the debate the possibility of the parameter Point of Articulation being considered the nucleus of the syllable in Libras. Based on these two works, an assessment of the proposals for the syllable nucleus in Libras is made. Some questions are raised about Aguiar's proposal (2013) taking into account the biasing use of ELiS (Escrita de Línguas de Sinais). The work is not a review of the literature, but seeks to highlight the most significant works on the theme. Finally, the possible motivations for choosing one or the other parameter to appear as the nucleus of the syllable in Libras are pointed out. One of the factors found to be determinant is the search for a parameter in the sign languages equivalent in the oral languages for the syllable nucleus. Some considerations are made about the need to think the syllable in sign languages for them and for themselves.

Keywords: Syllable nucleus; Libras, Parameters.

Submetido em 01 de agosto de 2020.

Aprovado em 15 de dezembro de 2020.

¹ Bacharel em Letras-Libras, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR. Email: analu.rr.pls@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo-USP, Líder do Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais-LaPLOS, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR, professor do Curso de Letras Libras Bacharelado da UFRR. E-mail: paulo.pilar@ufr.br.

Introdução

Do trabalho pioneiro de Ferreira em 1995, reimpresso em 2010 (FERREIRA, 2010) ao trabalho de Quadros e Karnopp (2004), em quase 10 anos a análise da estrutura fonológica da Libras se manteve sem muitas novidades. Com Xavier (2006) a Libras recebeu um tratamento mais pormenorizado sobre sua fonética e fonologia. Nesses trabalhos, no entanto, não se mencionava a questão da estrutura silábica na língua. Apenas em trabalhos decorrentes de dissertação com Cunha (2011) e Aguiar (2013) essa problemática foi contemplada mais detalhadamente. Esses dois últimos trabalhos se diferenciam grandemente em suas propostas. Enquanto o primeiro busca inserir a Libras na discussão sobre o estatuto do parâmetro Movimento (M) como núcleo da sílaba como aceito para a grande maioria das línguas de sinais, o segundo trabalho se contrapõe ao sugerir o parâmetro Ponto de Articulação (PA)³ como núcleo silábico, indo de encontro com a primeira proposta.

Este artigo é uma apreciação dessas duas propostas para a Libras com o objetivo de tentar identificar as motivações que cada autor encontrou para eleger um ou outro parâmetro como núcleo silábico. Enfatizamos que não entrará no escopo deste artigo a discussão se há ou não sílaba nas línguas de sinais. Partimos da premissa que sim, seguindo Wilbur (2011, p. 1312): “os fonólogos das línguas de sinais agora tomam a noção de sinais silábicos como um dado, e que o movimento é seu núcleo (o que carrega a saliência perceptual; Jantunen e Takkinen, 2010)”⁴. O foco da discussão é o da seleção de qual parâmetro melhor serviria para a função do núcleo silábico, a exemplo das línguas orais que se valem majoritariamente dos segmentos vocálicos para ocupar tal posição.

O trabalho está organizado em 3 seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. A primeira seção trata da temática sobre a sílaba nas línguas de sinais com breve apresentação dos principais trabalhos na literatura. Na segunda seção são apresentadas as duas propostas para o núcleo da sílaba na Libras, a partir dos trabalhos de Cunha (2011) que segue a literatura ao apontar o parâmetro M como núcleo da sílaba e o trabalho de Aguiar (2013) que defende o PA como núcleo. A terceira seção

³ Os parâmetros comumente citados na literatura, com suas siglas, são: Configuração de mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da mão (O) e Marcas Não-Manuais (MNM). Alguns autores utilizam no lugar do PA Localização (L). Neste trabalho, por questão de padronização, utilizamos preferencialmente a sigla PA.

⁴ Tradução livre: “(...) sign language phonologists now take the notion of sign syllable as a given, and that movement is its nucleus (the carrier of its perceptual salience; Jantunen and Takkinen 2010).”

é dedicada à análise com a apreciação dos trabalhos resenhados e as duas propostas para o núcleo da sílaba na Libras. São apresentadas ainda reflexões sobre a correlação entre a busca por um núcleo da sílaba nas línguas de sinais pautadas nas línguas orais além de sugestões para que se encare a natureza visuoespacial das línguas de sinais no empreendimento de eleger um parâmetro apenas como único segmento passível de ser o núcleo silábico para as línguas de sinais.

1. A sílaba nas línguas de sinais

Tendo em vista que ambos os autores (CUNHA, 2011; AGUIAR, 2013) analisados neste trabalho exploram os conceitos de sílaba em línguas orais para então discutir o estatuto de tal construto nas línguas de sinais, utilizaremos aqui uma perspectiva diferente, ao focalizar apenas as línguas de sinais e as propostas de análise da sílaba nessas línguas. Não iremos, no entanto, desconsiderar os estudos voltados para as línguas orais, apenas não vamos nos ater às particularidades das línguas orais para então passar para as línguas de sinais, a exemplo dos dois trabalhos supracitados.

Entre os estudos já realizados que abordam direta ou indiretamente a questão da sílaba em línguas de sinais, apresentamos quatro modelos teóricos, sintetizados também em Cunha (2011), são eles: Modelo Movimento-Suspensão (LIDDELL; JOHNSON, 2005 [1984]), Modelo “Hand-Tier” (SANDLER, 1989), Modelo Prosódico (BRENTARI, 1998) e Fonologia da Dependência (HULST, 1993).

O modelo desenvolvido por Liddell e Johnson (2005 [1984]), voltado para a Língua de Sinais Americana-ASL, denomina a divisão de um sinal pelos segmentos de movimento e suspensão, onde o movimento é definido pela movimentação sofrida na produção do sinal enquanto a suspensão representa a estaticidade do mesmo. A partir disso os autores fazem uma comparação destes segmentos com as vogais e consoantes, apresentando o movimento como análogo à vogal por ser o elemento com maior visibilidade. Sendo desta maneira, o núcleo da sílaba. Nesse modelo, a sílaba pode ser representada pelas sequências: movimento; movimento-suspensão; suspensão-movimento e suspensão-movimento-suspensão, tendo a sequência M-S-M a sequência fundamental para a estrutura dos sinais.

O segundo modelo, de Sandler (1989), denominado Modelo Hand Tier propõe a sequência de locações e movimento e não de movimento e suspensão proposta no primeiro modelo. Ainda denomina o movimento interno, aquele que exhibe a mudança

de forma e orientação de mão em um sinal. Sandler expressa não somente a sequencialidade (L - M - L), mas também a simultaneidade [CM – (L – M – L) – PA], como Cunha (2011, p. 54) observa em seu trabalho.

Brentari (1998) traz em seus estudos o Modelo Prosódico. A autora alerta sobre a importância de estabelecer critérios acerca da sonoridade perceptual e sonoridade articulatória, para que se estabeleçam conceitos sobre a sílaba em línguas de sinais. Cunha (2011) comenta que a sonoridade é percebida na combinação simultânea dos parâmetros na produção do sinal, onde alguns elementos se destacam mais, e outros menos.

A hierarquia de sonoridade em línguas de sinais é apresentada por Brentari a fim de definir sílaba, onde se faz uma análise sobre a definição e os tipos de movimentos realizados.

Quadro 1. Hierarquia de saliência visual em LSs

Para movimentos com sinais simples		
Traços	Juntas	Valor da sonoridade
Grupo	Ombro	6
Direção	Cotovelo	5
Orientação	Punho	4
Abertura	Metacarpo	3
	Interfalangeal	2

Fonte: Retirado de BRENTARI (1998, p. 218) e adaptado da tradução de CUNHA (2011, p 56).

Brentari categoriza o valor sonoro dos constituintes utilizados na produção de sinais, como podemos observar no Quadro 01 acima. A autora afirma que existem sinais com maior percepção visual e outros com menor percepção. Segundo Cunha (2011, p. 57), no Modelo Prosódico, a sílaba é considerada o movimento fonológico sequencial. Este modelo considera apenas os movimentos de direção, internos e secundários, aqueles que possuem valor fonológico.

Com perspectivas teóricas e pontos de vistas distintos, os modelos até agora mencionados possuem a ideia em comum de que o movimento é o núcleo da sílaba.

Porém, Hulst (1993) parte dos princípios da Fonologia da Dependência⁵ e lança o modelo que se destaca por compreender que o movimento não seria o único constituinte a ocupar o lugar de núcleo da sílaba. Hulst (1993) discute a relação núcleo-dependente, estabelecendo a locação como núcleo da sílaba, e a configuração de mão como dependente por ser capaz de sofrer mudanças em sua forma, no decorrer da produção do sinal. Para Hulst (1993) o movimento é resultado de mudanças ocorridas na produção do sinal, ou seja, na troca de configuração de mãos, locação e/ou orientação, tornando-se desta forma um elemento secundário, que por esse motivo não pode ocupar o lugar de núcleo.

Os quatro modelos brevemente apresentados nesta seção, no que diz respeito à estrutura interna da sílaba, são agrupados a partir de duas visões distintas por Wilbur (2011, p. 1320-1321) ou nas palavras de Jantunen e Takkinen (2010, p. 324, 325) abordagem orientada para a sequencialidade e abordagem orientada para a simultaneidade: a primeira que encara a sílaba nas línguas de sinais como uma sequência de segmentos (Modelo Movimento-Suspensão e Hand-Tier); a segunda que encara movimentos como unidades prosódicas com estatuto autosegmental similar aos tons de línguas orais tonais (Modelo Prosódico), esta última desenvolvida a partir da Fonologia da Dependência de Hulst (1993). Em síntese, os dois primeiros modelos pautam-se na sequencialidade dos parâmetros enquanto os dois últimos buscam respeitar a simultaneidade das línguas de sinais. Wilbur (2011) aponta ainda que o Modelo Prosódico decorre de certo modo do Modelo Núcleo-Dependente de Hulst (1993) que encara o parâmetro M como dependente de L, o que leva Cunha (2011) a afirmar que Hulst (1993):

(...) observa que o movimento não é o único elemento capaz de funcionar como núcleo da sílaba. O movimento é o resultado que se espera quando há mudança na forma da mão, na locação e na orientação da palma. Ele argumenta que o movimento é um elemento secundário na organização silábica e, por isso, não pode ser o núcleo da sílaba. (CUNHA, 2011, p. 59)

Essa observação de Cunha nos levou de certa maneira ao trabalho de Aguiar (2013) com a sua “nova proposta de sílaba em Libras”, apesar de este autor citar o

⁵ O conceito de dependência tem sido utilizado na teoria linguística para caracterizar a ideia de que elementos com um domínio particular podem estar assimetricamente relacionados. A relação de dependência é uma relação assimétrica binária em que um elemento é o regente ou núcleo, e o outro, o dependente. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p 65).

trabalho de Hulst (1993) muito vagamente e geralmente de terceira mão a partir do trabalho de Cunha (2011). A “nova proposta” de Aguiar é um convite à problematização do que é extensamente aceito na literatura: de que o parâmetro M é o núcleo da sílaba nas línguas de sinais (JANTUNEN; TAKKINEN, 2010). Para isso, trazemos uma descrição dos dois trabalhos para em seguida discutirmos as possíveis motivações para o posicionamento de cada autor.

2. As propostas para o núcleo da sílaba na Libras

Nesta seção abordamos as duas propostas para o núcleo da sílaba na Libras desenvolvidas por autores brasileiros, ambos em suas dissertações de mestrado (CUNHA, 2011; AGUIAR, 2013). Vale mencionar neste momento que mantemos a ênfase dada por esses autores de que suas propostas contemplam a Libras e não todas as línguas de sinais do mundo, apesar de a posição defendida por Cunha (2011) ser a mais aceita no âmbito internacional e a de Aguiar (2013), mesmo sendo dedicada à Libras, insinuar-se como generalizante, podendo ser aplicada para outras línguas de sinais, a exemplo da Língua de Sinais Quebequense-LSQ presente em seu estudo.

2.1 O parâmetro Movimento

No trabalho de Cunha (2011) os sujeitos da pesquisa são quatro surdos adultos fluentes que passaram por entrevista e questionário sociolinguístico. Os instrumentos de pesquisa foram coletados a partir de cartões com figuras, com o objetivo de criar um *corpus* extenso com sinais estáticos simples, até enunciados complexos que contemplassem diversos aspectos fonológicos da Libras, bem como aspectos morfológicos, por possuir influência significativa sobre a organização silábica (CUNHA, 2011, p. 68). Para transcrição dos dados, a autora utilizou glosas com auxílio de programas de software que contribuíram para a análise dos mesmos, e para as entrevistas, contou com a participação de intérpretes de Libras como ação de mediação entre sujeitos e pesquisadora (CUNHA, 2011, p. 65).

Após a análise dos dados da pesquisa, a hipótese de Cunha (2011) se confirma, a de que o elemento mais perceptível na produção de um sinal corresponde à sílaba nas línguas de sinais, sendo este o parâmetro Movimento. A partir disso, os tipos de movimento são analisados a fim de perceber qual deles se destaca para estabelecê-lo como o núcleo silábico, bem como definir a quantidade de unidades silábicas de acordo

com o número de movimentos sofridos na produção de um sinal. É necessário mencionar que qualquer análise sobre o parâmetro Movimento nos incita a compreender que este possui várias formas específicas, podendo ser observado por diferentes perspectivas em todos os níveis de análise linguística. A autora define cada um deles com atenção especial para o movimento de transição. São eles:

Movimento de direção- ocorre na mudança de um ponto de articulação a outro;

Movimento interno- mudança na configuração de mão ou orientação da palma;

Movimento de repetição- repetições de movimento que ocorrem durante produção do sinal;

Apontação, contorno e balanço- movimentos elaborados no sentido de mostrar a forma de algum elemento (muito utilizado no campo semântico das partes do corpo);

Movimento de transição- movimento de preparação para o sinal e transição de um sinal para outro (não possui valor fonológico).

De acordo com sua análise, Cunha (2011) defende que o núcleo da sílaba é caracterizado por qualquer tipo de movimento presente na elaboração do sinal. Por ser o elemento que possui maior visibilidade. A autora concorda que existem sinais que não possuem movimentos com valor fonológico. No entanto, defende que para a elaboração de todo sinal se faz necessário o movimento de transição. Este movimento também se torna um dos critérios de suma importância para que haja a compreensão de delimitação entre sinais em um enunciado complexo. Para os sinais que não possuem movimentos internos, o movimento de transição é tratado como núcleo da sílaba, definindo o sinal como monossilábico. Os sinais que possuem movimento de repetição também são considerados monossilábicos (CUNHA, 2011, p. 96). Esta observação se justifica porque nas repetições não existe mudança em nenhum dos parâmetros utilizados.

A maioria dos sinais analisados são monossilábicos. É interessante observar que algumas peculiaridades ocorreram durante a pesquisa, onde ao ser apresentado o mesmo cartão para os sinalizantes foram realizadas diferentes variações que apresentavam um e dois movimentos. Deste modo, não há possibilidade de se dizer que um sinal tem determinado número de sílabas, é necessário considerar a execução do sinal no contexto comunicativo (CUNHA, 2011 p. 105). Estudos acerca da morfologia das línguas de sinais são mencionados na obra de Cunha (2011). A autora acredita que a relação entre a fonologia e morfologia contribui para seu estudo, principalmente na contagem destes elementos. A sílaba e os morfemas estão diretamente relacionados à ação simultânea e

sequencial entre os parâmetros utilizados para a formação de um sinal. Deste modo, é necessário analisar aspectos fonológicos e morfológicos, que muitas vezes coincidem, de acordo com a autora.

2.2 O parâmetro Ponto de Articulação

Os colaboradores para coleta de dados de Aguiar (2013) foram cinco surdos brasileiros com idade entre 4 e 62 anos de idade e 2 surdos canadenses adultos. Ambos fluentes em suas respectivas línguas de sinais. O autor acredita que a diferente faixa de idade dos colaboradores contribui para a riqueza e diversidade dos dados coletados, assim como colaboradores de outra língua, a fim de estabelecer algum tipo de variável de controle.

Aguiar (2013, p. 16, 35) defende que sua fluência e experiência com a Libras foram relevantes para que seu material fosse acrescido de total funcionalidade para os fins da pesquisa. A análise dos dados ocorreu por meio de programas de software que possibilitam que os vídeos sejam visualizados em “câmera lenta”. Também foi utilizado o sistema de escrita criado por Barros (2008), chamado ELiS (Escrita de Línguas de Sinais) como suporte para os objetivos do trabalho.


















Assim como a característica de sonoridade define o núcleo silábico em línguas orais, Aguiar (2013) acredita que para encontrar a sílaba em línguas de sinais é necessário perceber o elemento mais visual, porém o autor inicia a análise de dados com uma justificativa sobre a não aceitação do parâmetro Movimento como o núcleo da sílaba. Diferentemente de Cunha (2011) e da maioria dos autores que tratam sobre o núcleo da sílaba, Aguiar não leva em consideração o movimento de transição como elemento constitutivo do núcleo silábico na Libras quando o sinal não possui movimento. Partindo da premissa de que a sílaba necessita estar presente na produção de todo sinal e que apenas um elemento pode ser considerado como núcleo, o autor descarta a possibilidade de o M ocupar esta categoria. A partir disso, Aguiar procede com testes para cada parâmetro utilizado nas línguas de sinais.

Os parâmetros CM e O, em princípio foram considerados como candidatos para ocupar a posição de núcleo da sílaba. Porém, de acordo com os dados e a experiência do autor, esta possibilidade foi descartada, pois existem sinais que não precisam ser feitos com as mãos. Os marcas não-manuais também receberam a devida atenção, de modo que estas também não se enquadraram nas hipóteses do autor. Após essa discussão

sobre os parâmetros das línguas de sinais, o autor chega ao ponto chave do seu trabalho: defender o PA como o único capaz de ocupar o lugar de núcleo silábico na Libras. De acordo com Aguiar, não existe a execução de qualquer sinal sem o PA, com a justificativa de que “todo sinal precisa ser produzido em algum lugar” (2013, p 49).

Para consolidar sua hipótese, Aguiar (2013) demonstra a didática do sistema de escrita ELiS que propõe utilizar símbolo para cada parâmetro. A ausência de um parâmetro na execução do sinal não é registrada. Para esclarecer melhor o raciocínio de seu método de análise, o autor agrupou alguns exemplos de sinais transcritos por meio da ELiS e identificou que todos os grupos sofrem ausência de algum parâmetro, menos o PA, como se observa na Figura abaixo:

Figura 1. Sinais transcritos na ELiS⁶

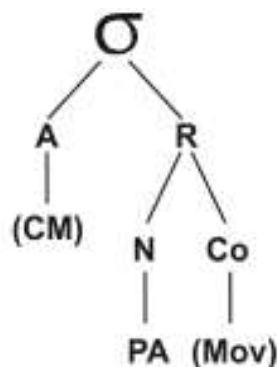
SINAL	CD	Or	PA	Mov
Prazer				
Desculpe				
Conhecer				
Ter				
Roubar				

Fonte: AGUIAR (2013, p. 50)

O autor percebeu, no uso da ELiS em cursos e transcrições, que o PA sempre era transcrito, pelo o que se vê, em amarelo, considerando que essa é a sequência de transcrição dos parâmetros na ELiS. Após definir o PA como o núcleo silábico da Libras, Aguiar (2013) continua a busca pelos outros componentes da sílaba. Baseando-se em estudos de línguas orais, o autor busca então identifica o Ataque e a Rima (Núcleo e Coda) na Libras. Desse modo, relaciona o parâmetro CM como o Ataque e o parâmetro Movimento como a Coda, além, claro, do PA como núcleo, conforme Figura:

⁶ Na ELiS, a CM é notada como CD: configuração de dedos.

(1) Representação silábica na Libras apresentada por Aguiar (2013, p. 53)⁷



Para contribuir com sua pesquisa, Aguiar (2013, p. 55) afirma que o M só pode ser realizado depois que o PA já está definido. Reafirmando assim, sua proposta para uma estrutura silábica na Libras. Esclarecendo ainda que a ordem sequencial (CM- PA-M) foi encontrada na realização de todos os sinais do seu banco de dados. Esta sequência se torna de fundamental importância para as conclusões de Aguiar (2013), inclusive para a organização e sequência dos sinais transcritos na ELiS.

3. Uma apreciação das propostas para o núcleo da sílaba na Libras

Após análise das obras na seção anterior, percebemos as divergências em suas conclusões e foi isso que nos motivou buscar perceber as causas das perspectivas de cada autor. Para tanto, entendemos que seja pertinente considerar ambas as conclusões e discutir seus argumentos com uma postura relativamente neutra de modo que pudéssemos considerar ambas as propostas como válidas, de início, para só depois nos posicionarmos sobre os trabalhos.

3.1 Afinal, quantas sílabas podem haver em um sinal na Libras?

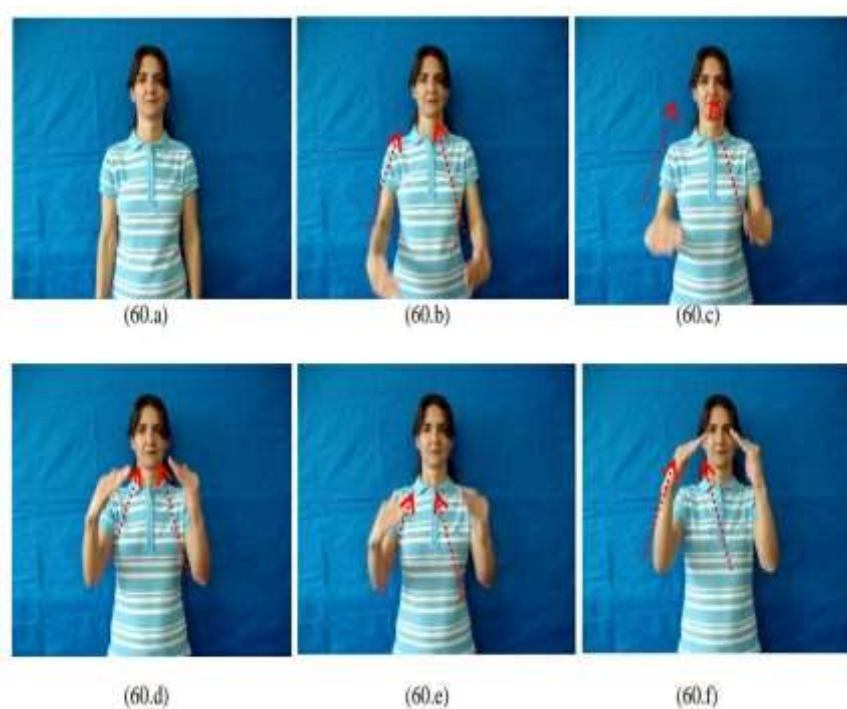
Para uma boa observação sobre o núcleo silábico, nada melhor do que realizarmos uma rápida análise de alguns sinais utilizando a proposta de cada autor. A fim de percebemos suas divergências na prática e analisarmos as interferências de informações formadas devido à tomada de pontos de partida distintos. Para este processo, optamos

⁷ Vale mencionar que Wilbur (2011, p. 1324) chama a atenção para o fato de alguns teóricos não aceitarem a estruturação interna da sílaba nas línguas de sinais da mesma forma que nas línguas orais, na forma de Ataque-Núcleo-Coda, conforme proposto nessa representação por Aguiar.

por escolher alguns sinais utilizados em algum momento por ambos os autores, com o objetivo de identificar a caracterização da sílaba em cada proposta.

O primeiro sinal a ser analisado é o sinal CASA. Cunha (2011) utiliza este exemplo (Fig. 2) para esclarecer questões acerca do movimento transicional. Aguiar (2013) por sua vez o toma (Fig. 3) como exemplo de sinais que não necessitam de MNMs para serem executados.

Figura 2. Sinal de CASA apresentado por Cunha, com ênfase no movimento transicional



Fonte: CUNHA (2011, p. 99).

Cunha (2011, p. 100) atesta que o movimento transicional recebe o estatuto de sílaba a partir do momento que o sinal não apresenta outro tipo de movimento. Neste sentido, o sinal CASA é considerado como monossilábico, contando como núcleo silábico apenas o movimento transicional. Contudo, para Aguiar (2013), as definições de sílaba sofrem alterações importantes. Seus estudos não consideram, previamente, o M como núcleo, tão pouco o movimento de transição. Seguindo os conceitos do autor, pode-se afirmar que o sinal CASA também é monossilábico, porém o núcleo é definido pelo PA. Nessa perspectiva, a CM se posiciona no Ataque e a Coda não é preenchida por não apresentar outro movimento além do transicional.

Figura 3. Sinal de CASA apresentado por Aguiar



Fonte: AGUIAR (2013, p. 49).

O sinal MULHER (Fig. 4) por sua vez, é utilizado por Cunha (2011, p. 113) para exemplificar as considerações sobre peso silábico e a relação estreita entre sílaba e morfema, e Aguiar (2013, p. 55) analisa o mesmo sinal (Fig. 05) com o objetivo de demonstrar a dependência que o parâmetro M tem em relação ao PA:

Figura 4. Sinal de MULHER apresentado por Cunha



Fonte: CUNHA (2011, p. 113)

Figura 5. Sinal de MULHER apresentado por Aguiar



Fonte: AGUIAR (2013, p. 55).

Na perspectiva de Cunha (2011), o sinal MULHER é considerado monossilábico uma vez que durante a produção do sinal não existe mudança na CM. O movimento de direção constitui o núcleo da sílaba, por ser o movimento com maior visibilidade. Ao comentar sobre este sinal, Aguiar (2013, p. 16) menciona que o PA é a bochecha, sendo este o núcleo silábico. Deste modo, segundo Aguiar (2013), o sinal é monossilábico, pois ao ser escrito pela ELiS, apresenta a bochecha como PA. O autor ainda afirma que o movimento de direção encontrado neste sinal o classifica como uma sílaba pesada por preencher a Coda. É possível observar que Aguiar considera apenas o toque do polegar na bochecha, não levando em conta o movimento sobre a bochecha.

O próximo sinal analisado, SURDO, nos chama bastante a atenção, apesar de não ter sido analisado por Cunha (2011).

Figura 6. Sinal de SURDO apresentado por Aguiar



Fonte: AGUIAR (2013, p. 62)

De acordo com a perspectiva de Cunha (2011), o movimento de direção que ocorre neste sinal é o núcleo silábico, considerando o sinal monossilábico. Entretanto com a proposta de Aguiar (2013) o mesmo sinal é percebido como dissílabo, por possuir dois núcleos, ou seja, dois PAs, um na orelha e outro na boca. Na perspectiva de Cunha (2011) e da maioria dos pesquisadores que estudam a sílaba nas línguas de sinais, a identificação da sílaba se dará a partir do núcleo silábico que sempre será qualquer tipo de movimento encontrado. Este, por sua vez, considerado o elemento com maior

visibilidade durante a produção do sinal. Na linha divergente, nos deparamos com a “nova” proposta de Aguiar (2013), que consiste em considerar o PA como o núcleo da sílaba, por ser o elemento indispensável na produção de todo e qualquer sinal. Até mesmo aqueles que não necessariamente são realizados com as mãos.

O número de sílabas também pode ser alterado de acordo com cada proposta. Como observado na análise do sinal SURDO. Aguiar (2013) considera que o número de sílabas está relacionado ao número de PAs, utilizando a ELiS para a contagem dos PAs. Cunha (2011) apresenta sinais com mais de uma sílaba, relacionando-os a sinais com mais de um morfema e/ou sintagmas compostos por mais de uma sílaba (Cunha 2011, p. 112).

3.2 Por uma proposta de sílaba para as línguas de sinais a partir delas mesmas

Após as considerações sobre a sílaba na Libras, buscamos manter um posicionamento imparcial, mas crítico para as duas propostas apresentadas aqui. Cabe agora traçarmos algumas reflexões sobre os pontos discutidos até aqui. Compreender o conceito e aspectos fonológicos das línguas de sinais é um trabalho um tanto quanto minucioso, uma vez que ao analisarmos os dados de uma língua de sinais é quase inevitável não recorrermos às línguas orais, na maioria dos casos a língua dominante, como forma de comparar as categorias analíticas em foco.

Na tentativa de compreender a perspectiva de Cunha (2011) e Aguiar (2013) para o núcleo da sílaba na Libras, buscamos refletir sobre quais seriam as principais motivações para as conclusões de cada autor. O trabalho de Cunha (2011) apresenta um compilado de estudos sobre a sílaba nas línguas orais, bem como um levantamento sobre os modelos fonológicos já descritos por outros autores sobre línguas de sinais de outros países, principalmente a ASL. A maioria desses estudos compreende que M é o núcleo da sílaba. Cunha (2011) se baseia fortemente nesses estudos, com a tentativa de encaixar a Libras nos aspectos que justificam o M como núcleo. Aguiar (2013) também discute alguns estudos sobre línguas de sinais, no entanto, seu trabalho se concentra em teorias realizadas em línguas orais, com ênfase na modalidade escrita, uma vez que seu principal suporte para definir o PA como núcleo da sílaba se baseia em um sistema de escrita pretendido a ser alfabético (BARROS 2008, p 25) o qual sempre registra o PA.

O que sabemos sobre as tentativas de uma modalidade escrita para as línguas de sinais é que nenhuma delas é consolidada oficialmente, com peso suficiente para ser

utilizada como padrão para definir a estrutura da formação dos mesmos. O que nos leva a refletir sobre a qualidade dos argumentos utilizados por Aguiar (2013). Para isso levantamos a seguinte questão: e se o autor necessitasse fundamentar seu posicionamento teórico de que é o PA o núcleo da sílaba na Libras sem recorrer a esse instrumento linguístico? Qual argumento sustentaria sua proposta? Acreditamos que utilizar a ELiS como um dos principais argumentos para a proposta do PA como núcleo da sílaba em LSs torna a análise altamente enviesada.

Além da ELiS, Aguiar (2013) baseia sua pesquisa em conceitos e modelos já consolidados em línguas orais, buscando encaixar essas teorias de uma modalidade para outra. Cunha (2011) por sua vez, mesmo apresentando vários estudos em línguas de sinais utiliza comparações com estudos feitos em línguas orais, assim como a maioria dos pesquisadores da área. O próprio conceito de sílaba, bem como as características usadas para definir seu núcleo como o elemento de maior sonoridade (em línguas de sinais de maior visibilidade) são fortemente baseados em estudos realizados exclusivamente para as línguas orais.

Cunha (2011) defende o M como núcleo silábico porque apresenta maior visibilidade, enquanto Aguiar (2013) defende que o PA seja o núcleo silábico por ser o parâmetro “indispensável” na produção de qualquer sinal. Percebe-se que ambos os critérios são baseados em características tomadas das línguas orais: maior sonoridade e indispensabilidade. O que chama a atenção sobre todos os modelos teóricos utilizados para analisar a sílaba nas línguas de sinais é justamente essa recorrência ao uso das conclusões para as línguas orais. Talvez a proposta de Hulst (1993) seja a que busca se propor mais próxima das línguas de sinais em si.

A partir desta reflexão, podemos levantar a seguinte questão: como seria pensada a categoria sílaba para as línguas de sinais se tal categoria fosse tomada para as línguas de sinais, para elas e por elas mesmas? Diante de tal questionamento, consideramos que possuir uma base comparativa para os estudos linguísticos de línguas de sinais em línguas orais ainda é um caminho coerente, entretanto é crucial reconhecer as restrições e os efeitos de modalidade (MEIER, 2009; ARAÚJO, 2016) que ocorrem entre ambas as modalidades de língua, compreendendo que nem todas as teorias criadas para as línguas orais serão suficientes para abordar as peculiaridades das línguas de sinais.

Os resultados deste trabalho expressam de forma notória o espelho dos questionamentos acima. Ao discutirmos sobre qual(is) parâmetro(s) melhor se

comporta(m) como núcleo da sílaba, estamos também nos deixando influenciar pelas teorias geradas para as línguas orais, uma vez que o argumento de que apenas um segmento pode ser considerado o núcleo da sílaba foi elaborado a partir do comportamento sequencial de dois segmentos nas línguas orais (consoante e vogal) para as quais apenas um pode ocupar a posição de núcleo, enquanto que para as línguas de sinais a produção de um sinal requer a realização simultânea de mais de um parâmetro. É de se questionar o porquê de dois ou mais parâmetros não poderem exercer a função de núcleo silábico nas línguas de sinais (M e PA juntos?). Por um tempo, cogitamos sugerir essa perspectiva radical, a de não eleger apenas um parâmetro separadamente, mas a de encarar as especificidades das línguas de sinais, respeitando a simultaneidade e outros efeitos de modalidade já conhecidos. No entanto, custa aceitar uma terceira via de análise tão radical quando um pressuposto já está tão embasado e dado como válido: o de que o movimento seja o núcleo da sílaba nas línguas de sinais.

Ao aceitarmos os aspectos da modalidade da língua, compreendemos que os autores divergem em relação ao conceito de sílaba basicamente por enfatizarem um ou outro aspecto da sílaba nas línguas orais, ora preferindo a saliência sonora/visual, ora a indispensabilidade de parâmetros e traços para a indicação do núcleo silábico. Em outras palavras, a necessidade de haver um e apenas um parâmetro como núcleo da sílaba nas línguas de sinais é consequência de se tentar aplicar a estruturas das línguas orais nas línguas de sinais. Refletir e propor categorias baseadas somente nas e para as línguas de sinais não é tarefa simples. Stokoe (1991), por exemplo, chegou a propor uma análise considerada radical para a fonologia das línguas de sinais a qual chamou de “Fonologia Semântica” (*Semantic Phonology*). Nessa proposta, os sinais seriam considerados como casamento de nome e verbo e iria de encontro ao conceito de dupla articulação da linguagem considerado um elemento primordial na evolução da linguagem humana (ARMSTRONG; STOKOE; WILCOX, 1995). Pensamos o mesmo para o caso de se considerar a possibilidade de se encarar o núcleo silábico nas línguas de sinais constituído não apenas de um único parâmetro fonológico, mas talvez a simultaneidade de dois ou mais parâmetros.

As possíveis implicações de se encarar a realização da sílaba nas línguas de sinais como um casamento entre M e PA pode ensejar análises que desafiem o que já é conhecido na literatura, entretanto, a viabilidade de tal posicionamento só será possível com desenvolvimentos futuros que encarem essa sugestão mais seriamente.

Considerações Finais

As duas propostas discutidas neste trabalho demonstram os diferentes pontos de vista que os pesquisadores podem ter sobre um determinado fenômeno. Os modelos teóricos voltados para a fonologia das línguas de sinais discutidos na seção 1. demonstram bem isso. Parece ser unânime a perspectiva de que o parâmetro M seja o núcleo da sílaba nas línguas de sinais, conforme (WILBUR, 2011; CUNHA, 2011). No entanto, Aguiar (2013) lança uma proposta ousada por ir contra as análises aceitas e propõe que o PA seja o melhor candidato para núcleo silábico na Libras, mesmo que para fundamentar seu argumento o autor se baseie numa proposta de sistema de escrita, a ELiS (BARROS, 2008).

As duas propostas apreciadas na nossa pesquisa demonstram que os critérios eleitos para selecionar o núcleo silábico para as línguas de sinais baseiam-se de uma forma ou outra em critérios tomados das línguas orais. O primeiro, para quem o M é o núcleo, é o de que o núcleo deve ser o elemento mais perceptível, ou seja, seria o equivalente ao pico de sonoridade que nas línguas orais são os sons vocálicos. Fazendo o equivalente com as línguas de sinais, os autores aceitam que o parâmetro M seja o mais perceptível, sendo o equivalente ao pico de “visualidade”. Por outro lado, a proposta de que o PA seja o núcleo vem da perspectiva de que o elemento obrigatório, que sempre é realizado, é que seja o núcleo. Por exemplo, não existe sílaba em línguas orais sem que o núcleo não seja realizado, nesse caso geralmente uma vogal. O paralelo que Aguiar faz é com o PA. Para ele, esse parâmetro é o único presente em todo e qualquer sinal, até porque para se realizar um sinal o mesmo deve ser realizado em algum lugar.

Referências

ARAÚJO, P. J. P. *Uma linguística de línguas orais e sinalizadas*. Revista Letras Raras. V. 5, n. 1, 2016.

AGUIAR, T. C. *Nova proposta de sílaba em Libras*. 2013. 102p. Dissertação (Mestrado Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, 2013.

ARMSTRONG, D. F.; STOKOE, W.; WILCOX, S. E. *Gesture and the Nature of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BARROS, M. E. *ELiS – Escrita das línguas de sinais: Proposta teórica e verificação prática*. 2008. 199 p. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRENTARI, D. *A Prosodic Model of Sign Language Phonology*. Massachusetts: MIT Press, 1998.

CUNHA, K. M. M. B. *A estrutura silábica na língua brasileira de sinais*. 2011. 138p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Goiás, 2011.

FERREIRA, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 2010.

HULST, H. van der. Units in the analysis of signs. *Phonology*, vol. 10, n. 2, 1993, p. 209-241.

JANTUNEN, T.; TAKKINEN, R. Syllable structure in sign languages. In: BRENTARI, D. *Sign Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American sign language: the phonological base. In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULROONEY, K. J. (Orgs.). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. 4 ed. Washington D. C.: Gallaudet University Press, 2005 [1984]. p. 280-319.

MEIER, Richard P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SANDLER, W. *Phonological representation of the sign: linearity and nonlinearity in American Sign Language*. Publication in Language Sciences, 32. Holanda: Foris Publication, 1989.

STOKOE, W. Semantic Phonology. *Sign Language Studies*, vol. 1, n. 4, Special Issue, 1991, p. 434-441.

WILBUR, R. Sign Syllables. In: OOSTENDORP, M. van; EWEN, C.; HUME, E.; RICE, K. (Orgs.). *The Blackwell Companion to Phonology*. Londres: John Wiley & Sons, 2011.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua Brasileira de Sinais- Libras*. 2006. 175p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2006.